IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

PERFORMANCE ARQUITETÔNICA:

UMA AMPLIAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO ATRAVÉS DO ENSINO DE ARQUITETURA

SESSÃO TEMÁTICA: A ARQUITETURA COMO CONSTRUÇÃO DA CIDADE BRASILEIRA: QUE 'AGENDAS' PARA O ENSINO DE PROJETO?

VALENGA, Sabine M.

GSAPP, Columbia University

sabinevalenga@gmail.com

PERFORMANCE ARQUITETÔNICA:

UMA AMPLIAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO ATRAVÉS DO ENSINO DE ARQUITETURA

RESUMO

Há uma inquietação relacionada ao conceito contemporâneo do que é Performance Arquitetônica. Ou seja: o que arquitetura pode (ou não) realizar, completar, desempenhar ou efetivar. Utilizando a definição proposta por Moussavi de que formas construídas são multiplicidades, entende-se que o resultado final é consequência de várias forças externas independentes e sujeitas a mudanças com passar do tempo. Desse modo, os parâmetros que definem performance também se alteram frente às mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas das cidades. Assim, acredita-se que a pergunta "o que é performance arquitetônica" deva ser abordada através de metodologias projetuais dentro das instituições de ensino, que além de perpetuar a atualização constante desse conceito, promovam uma exploração crítica das cidades contemporâneas como uma rede de interações, além da superficialidade de suas imagens.

O arquiteto espanhol Andrés Jaque junto ao seu escritório Office for Political Innovation atuam com o slogan "arquitetura é a sociedade tecnologicamente renderizada". Seus projetos promovem inclusividade social e articulações políticas através de organização espacial e material: heterogeneidade ao invés de soluções únicas, exclusivas e cristalizadas. Em sua carreira como docente, Jaque posiciona seus alunos como investigadores e facilitadores de sociedades, capazes de concretizar suas ideias através da negociação de interesses entre a própria turma.

Através da exposição e análise de projetos do arquiteto, bem como das metodologias aplicadas em seus ateliês de projeto, o artigo defende o ensino de arquiteturas que visem o performático ao invés do belo e funcional. Discute-se, dessa forma, a intrínseca relação entre o construído e o dia-a-dia das cidades e seus cidadãos. Arquitetura, mesmo na escala do edifício, passa a ser parte de algo maior e relevante.

Palavras-chave: Arquitetura contemporânea; Performance; Política; Ensino de projeto;

ARCHITECTURAL PERFORMANCE:

EXPANDING ITS UNDERSTANDING THROUGH ARCHITECTURAL EDUCATION

ABSTRACT

There is an anxiety related to the contemporary concept of what is Architectural Performance. In other words: what architecture can (or not) accomplish, complete, perform or carry out. Using the definition proposed by Mousavi that built forms are multiplicities, it is understood that its end result is the consequence of several independent external forces, and therefore subject to change over time. Thus, the parameters that define performance also change in the face of political, social, cultural and economic changes. It is therefore believed that the question "what is architectural performance" should be addressed through didactic methods within educational institutions, that might perpetuate the constant update of the concept, as well as promote a critical exploration of the contemporary cities as a network of interactions. Beyond the shallowness of its images.

The Office for Political Innovation run by the Spanish architect Andrés Jaque has the slogan "Architecture is technologically rendered society." Its projects promote social inclusiveness and political discourse through spatial and material articulations: heterogeneity rather than unified, exclusive and

crystallized solutions. In his career as a teacher, Jaque positions his students as researchers and facilitators of realities able to realize their ideas through the negotiation of interests between each other. Through the exposure and analysis of the architect's projects, as well as his methodologies used in design studios, the article defends the teaching of architectures that aim the performative rather than the beautiful and functional. It is discussed the intrinsic relationship between the built environment and the daily life of contemporary cities and their citizens. This way architecture, even at the building scale, becomes part of something bigger and much relevant.

Keywords: Contemporary architecture; Performance; Politics; Design Studio Teaching Methodologies;

“O problema agora parece ser o de desenvolver um conceito satisfatório e uma terminologia apropriada para substituir ‘função’, ou então, de expurgar ‘função’ de suas conotações deterministas biológicas e ambientais”.

- Adrian Forty (2000, 95). Tradução livre.

1. INTRODUÇÃO

Teoria, como apresentado por Aureli (1996), nada mais é do que a elaboração de conceitos que nos auxiliam a entender determinados fenômenos. A partir do momento que um conceito é tido como certo ou inquestionável, sua compreensão se estagna e oportunidades para inovação são perdidas. Procurar atualizar o entendimento da utilidade da arquitetura, aqui entendida como performance, não implica numa aceitação de que a disciplina está submissa à agentes externos, mas a empodera, tornando-a parte de algo maior com efeitos diretos na urbe e sociedades contemporâneas.

Observa-se uma defasagem na compreensão da pergunta “o que arquitetura pode fazer?” que está sendo amplamente perpetuada no ensino de projeto as escolas Brasileiras. Sua resposta, atrelada à ideia de ‘função’ de um edifício, se dá na correção de trabalhos sob o componente *utilitas* da tríade Vitruviana, e se limita à análise do cumprimento técnico-espacial de um programa de usos previamente estipulado pelos docentes. Em outras palavras, *utilitas* é uma ferramenta de avaliação que julga se o projeto em questão ‘soluciona’ o programa de maneira coerente.

O presente artigo argumenta a necessidade de se debater em sala de aula a performance de um edifício ao invés de sua função, bem como as oportunidades de projeto que se abrem com o esclarecimento e abrangência desse conceito. Busca-se assim detectar alternativas de ensino de projeto que fomentem sua atualização.

Primeiramente, é apresentada uma clarificação histórica do termo função e de sua conotação no campo da arquitetura internacional e brasileira. Em seguida, faz-se necessária uma breve fundamentação a respeito do debate contemporâneo em torno de Performance Arquitetônica, para então explorar outras possíveis abordagens para o tema.

Cabe ressaltar, que não é intuito do artigo elaborar ou aceitar uma única definição do que é Performance em arquitetura, mas enfatizar seu entendimento como algo dinâmico, estritamente ligada à agentes não apenas tecnológicos, mas também culturais, sociais e políticos de diferentes sociedades. Para tal, utiliza-se o trabalho teórico e prático que vem sido exercido por Andrés Jaque, bem como expõem-se suas didáticas aplicadas recentemente em ateliês de projeto na Universidade de Columbia em Nova York, as quais exploram a fundo as possibilidades performáticas da arquitetura.

2. A FUNCÃO E SUA CONOTAÇÃO

O termo ‘funcionalismo’ em arquitetura se consolidou com um único significado nas décadas de 1960 e 1970 como protagonista da crítica ao movimento moderno dado principalmente nos Estados Unidos.

Arquitetura funcionalista se torna praticamente um sinônimo para arquitetura moderna. No livro da exposição "*The International Style*" de 1932, Phillip Johnson caracteriza os 'funcionalistas' como "aqueles para quem todos os princípios estéticos de estilo são sem sentido e irreais".[1]

Assim, indiferente aos vários sentidos com que a palavra 'função' já vinha sido articulada antes de 1930 - como uma metáfora matemática ou biológica que se referia exclusivamente à relação entre parte e todo de um edifício - ou indiferente a tentativas após 1960 de abranger o seu significado com a inclusão de fatores subjetivos[2], o que permeia hoje como significado de função é estritamente relacionado à tectônica dos edifícios, suas dimensões e arranjos espaciais, e as atividades humanas que devem abrigar.

Similarmente, o mote "forma segue função", apesar de deslocado de sua intenção original proposto por Sullivan como um conceito quase metafísico de 'propósito interior' ou 'destino'[3], serviu como evidência da existência de uma crença moderna da qual a forma de algo construído tem um impacto determinista sob como ele é utilizado pela sociedade que serve. "Ingênuas classificações funcionalistas pressupõe que todos os artefatos urbanos são criados para servir funções particulares de uma maneira estática, e que suas estruturas coincidem precisamente com a função que elas desempenham em certos momentos", escreve Rossi[4]. Dessa maneira, quando se fala na função de um edifício ou de suas partes, fica implícito o consentimento com essa relação direta de causa-efeito entre a forma construída e seu uso.

Bernard Tschumi, como muitos dos principais críticos à esse determinismo, rejeita o uso do termo função por ser incapaz de abranger temas de seu interesse como programa, evento, movimento e conflitos em arquitetura. Através de justaposições em desenhos e narrativas de atividades inusitadas em determinados espaços, como a de pular de paraquedas em um fosso de elevador, ele conclui que existe uma disjunção entre espaço (o resultado da forma construída) e ações (uso): "Espaços são qualificados por ações assim como ações são qualificados por espaços. Um não desencadeia o outro. Eles existem independentemente. Apenas quando eles se interceptam eles se afetam"[5].

Dessa interação, pode-se desenrolar situações de concordância, indiferença ou conflito entre espaço e seu uso pelas pessoas. Cabe ao arquiteto estrategizar seu movimento projetual a fim de criar condições propícias ao desencadeamento de uma das possíveis situações, mas ele jamais terá controle sobre os eventos que ocorrem em seus edifícios.[6]

3. CONTEXTO BRASILEIRO E ENSINO

---

[1] Adrian Forty, *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture* (New York, NY: Thames & Hudson, 2000): 178

[2] Como o caso dos Smithsons ao declarar: "functional must now include so-called irrational and symbolic meanings" a*pud* Adrian Forty, *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture* (New York, NY: Thames & Hudson, 2000): 178

[3] Adrian Forty, *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture* (New York, NY: Thames & Hudson, 2000): 178

[4] Aldo Rossi, *apud* Adrian Forty, *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture* (New York, NY: Thames & Hudson, 2000): 192-193. Tradução livre.

[5] Bernard Tschumi, *Architecture and Disjunction* (MIT Press,1996): 131. Tradução livre.

[6] Enrique Walker, *Tschumi on Architecture Conversations with Enrique Walker* (New York: The Monacelli Press, 2006): 76-78

No Brasil, perde-se esse debate esclarecedor sobre as conotações que o termo ‘função' acarreta e sua problemática determinista. O cunho modernista da arquitetura brasileira atual ainda é evidente tanto dentro como fora das salas de aula e portanto seus valores, como a função e utilidade de um edifício, permanecem pouco questionados.

Silvia Ficher (2014) coloca como causas desse cenário: a consolidação tardia da profissão do arquiteto, que teve o modernismo como elemento coesivo; o prestígio e reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira no período tardio e subsequente da II Guerra Mundial; e principalmente sua resistência à ditadura militar entre 1964 e 1985, período que o Brasil estava fechado para acontecimentos internacionais e quando arquitetura moderna foi atrelada ao movimento esquerdista. Questionar a arquitetura moderna era consentir com o governo vigente, silenciando o desenvolvimento de uma crítica sistemática da arquitetura. Após a abertura do regime governamental, não só havíamos perdido a discussão do pós-modernismo, como interpretamos suas críticas ao moderno como ameaçadoras à corporação da profissão.

Dessa maneira, o modernismo ainda permeia o entendimento do que é arquitetura no país. Mais alarmante, o que permeia não são seus ideais austeros e éticos do brutalismo paulista, mas a estetização da sua arquitetura e suas técnicas compositivas como o prisma elevado e grandes vãos.[7] “Estamos em pleno maneirismo historicista […] e assim, expurgados de qualquer dimensão política”.[8] Acredita-se que a academia possui papel fundamental na reinserção da produção arquitetônica brasileira ao discurso contemporâneo, pois a maneira como arquitetura é ensinada repercute diretamente na sua produção.

Atualmente, o debate que existe sobre como conduzir ateliês de projeto no Brasil se propõe a qualificar o ensino de “como” fazer arquitetura, mas não põe em pauta o “o que” ou “porque” fazer. Fomenta-se assim, um modelo estagnado de ensino no qual é assumido um “problema” inicial. Este é dado normalmente por um programa de uso fixo, como casa unifamiliar, edifício de escritórios, escola, praça, quadra - cada um com funções já pré-determinadas a serem servidas - e a partir de então o aluno deve seguir exercícios intercalados nos quais ele deve produzir (análises, maquetes, desenhos) ou refletir (assessorias, debates) sobre sua solução projetual.[9]

Se queremos nos libertar do maneirismo historicista já comentado, é necessário a ruptura com pressupostos rígidos do ensino, abrindo-o para explorações críticas que atualizem o debate para as reais demandas das cidades e sociedade contemporâneas.

A pesquisa em andamento “*Radical Pedagogies*” realizada por Beatriz Colomina juntamente com doutorandos da universidade de Princeton, NJ, nos fornece uma visão aprofundada de como essa ruptura já se deu no passado. A pesquisa é composta por um atlas de experimentos educacionais em arquitetura que ocorreram em todo o mundo após a Segunda Guerra Mundial e que redefiniram o

---

[7] Ver Maria Luiza Adamns Sanvitto, “As Questões Compositivas e o ideário do Brutalismo Paulista” http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Maria%20Sanvitto.pdf

[8] Silvia Ficher, “Censura e autocensura. Arquitetura brasileira durante o governo militar”, *Vitruvius,* 2014 (Maio 28, 2016)

[9] Ver Emerson Vidigal, “Ensino de Projeto Arquitetónico” (PhD diss., Universidade de São Paulo, 2010)

campo profissional de seus países. Até agora, foram mais de 90 estudos de caso catalogados. O que cabe ao objetivo do presente artigo é expor suas principais características em comum, responsáveis por torná-las radicais, no sentido etimológico de “ir de encontro à raiz”. Ou seja, que questionaram valores fundamentais da disciplina. Segue a descrição do momento histórico vivenciado:

Este foi um período de rebeldia coletiva contra a autoridade de estruturas institucionais, burocráticas e capitalistas. O mundo como ele era conhecido passou por transformações drásticas em todas as escalas - desde a paisagem geopolítica até os materiais que povoavam os novos ambientes doméstico - e profecias tecnológicas utópicas agora manifestadas em um admirável mundo novo da computação, dispositivos e naves espaciais. Arquitetura não era imune a tais mudanças. Altamente autoconsciente, o radicalismo na arquitetura desta época expôs as ansiedades sobre a identidade da disciplina em um mundo transformado. (Beatriz Colomina, Evangelos Kotsioris, Ignacio González Galán, Anna Maria Meister, The Radical Pedagogies Project, 2015)

Os ateliês de projeto abordaram essas inquietações perante a disciplina de uma maneira aberta e orientados para a produção de pesquisa. Em outras palavras, educadores e alunos, de uma maneira horizontal, embarcavam juntos num projeto de pesquisa (proposta pelo educador) para qual não existiam antecipações do que seria o projeto arquitetônico final. Outras características compartilhadas era o ativismo político como meio de desafiar as instituições de poder, e a utilização de outros espaços fora da sala de aula como gramados, praias, e ruas, onde a vivência, as intervenções realizadas e a observação eram os verdadeiros professores.

Observou-se assim, a produção de cenários arquitetônicos altamente diversificados e teoricamente atualizados, que incluíram entre outros: o Estúdio em Las Vegas por Venturi e Scott Brown na Universidade de Yale, 1968; Polyark Bus por Cedric Price em Londres, 1970; Tafuri na escola de Veneza conhecida como “escola sem papel” (1967-1980); Buckminster Füller em Carbondale, IL (1955-70); Alberto Cruz em Valparaíso (1971); todos inovadores por descobrirem novo modos de operação dentro da disciplina.

Em outras palavras, todos lidaram de forma direta ou indireta com o questionamento de “o que arquitetura pode fazer (e como)”, pergunta essa que, como argumentado no presente artigo, está fortemente vinculada aos diferentes conceitos de Performance Arquitetônica.

4. PERFORMANCE ARQUITETÔNICA

“O que é mais importante na arquitetura não é a sua aparência, mas o que ela faz”. É baseado nessa hipótese que Bernard Tschumi conduziu seu ateliê de projeto em 2015 na Columbia University em Nova York. Reiser+Umemoto (2006), por sua vez, terminam a introdução de seu livro de 2006 caracterizando a prática contemporânea como uma que responde à “o que isso faz”, ao invés de “o que isso significa” como na geração pós-moderna. Testemunhamos assim uma confluência de intenções nada óbvia vindo de duas práticas supostamente opostas: a primeira, reconhecida por definir arquitetura como sendo a materialização de conceitos; e a segunda, que propaga a supremacia da materialidade e especificidade formal.

A inquietação que permeia tanto o descrito acima como o artigo está relacionada ao conceito contemporâneo do que é Performance Arquitetônica. Em outras palavras, o que arquitetura pode (ou não) realizar, completar, desempenhar ou efetivar.

Atualmente, essa ideia está principalmente vinculada à ideia de arquitetura performativa (*performative architecture*), que volta-se para pesquisas em torno de meios digitais, e para qual performance está relacionada à otimização e ao desempenho do projeto construído em relação a um ou mais critérios.[10] Estes podem ser estruturais, de eficiência energética, de redução do consumo de materiais, etc. Impulsionada pelo surgimento de novas ferramentas digitais, Celani e Lenz (2015) as classificam em três diferentes categorias baseadas em que parte do processo de projeto elas auxiliam: representação e projeto (programas de avaliação e simulação digital vinculados à técnicas paramétricas de modelagem e programação); materialização (fabricação digital e prototipagem rápida); e operação do mecanismo do edifício (incorporação da automação como parte da arquitetura).

Andrade e Ruschel (2012), com o intuito de “caracterizar o modelo performativo a partir de métodos de projeto digital concebidos sob esse modelo”, nos apresentam exemplos produtivos de projetos nos quais essas ferramentas foram aplicadas, bem como os critérios de desempenho empregados em seus processos. São alguns: domo de 180 metros de diâmetro no Louvre Abu Dhabi por Jean Nouvel (baseado em critérios relacionados à carga estrutural, luz natural e térmica); piso e cobertura do Rolex Learning Certer em Lausanne por SANAA (baseado em critérios relacionados à carga estrutural, luz natural, programa e perspectiva do lugar); e a cobertura do pátio central do Smithsonian Institution’s Patent Office Building em Washington D.C. por Foster+Partners (baseado em critérios relacionados à carga estrutural, luz natural, programa, acústica e construtibilidade).

Contrário ao senso-comum acima descrito, onde Performance Arquitetônica se relaciona principalmente ao desempenho estrutural, programático e sustentável do objeto final estático, cabe citar Latour (2008) em seu texto “*Give me a Gun*”, no qual ele avança noções de edifícios como ecossistemas, elevando-os ao mesmo status dos humanos:

Apenas listando os movimentos de um edifício e respondendo com cuidado por suas ‘tribulações’ seríamos capazes de afirmar a sua existência: seria igual à extensa lista de suas controvérsias e performances ao longo do tempo, isto é, seria igual ao que ele faz, às maneiras como ele resiste tentativas de transformação, permite determinadas ações de visitantes e impede outras, incomoda

[10] Daniel Lenz e Gabriela Celani, “Performative Arquitecture”, *Vitruvius,* 2015 (Maio 26, 2016)

observadores, desafia autoridades da cidade, e mobiliza diferentes comunidades de atores. (Reto Geiser (ed), Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research, 80-89)

Influenciado pela visão de Latour, a prática de Andrés Jaque dá ênfase na dimensão política em que arquitetura pode diretamente operar. Sediado nas cidades de Nova York e Madrid, seu Office for Political Innovation explora maneiras que configurações espaciais e materiais podem promover inclusividade, heterogeneidade social e transparência nas dinâmicas urbanas do cotidiano.

Faz-se necessário o esclarecimento de alguns de seus princípios teóricos junto aos projetos que serão mencionados. Segundo seu texto "Políticas do dia-a-dia" (2011), a produção do escritório opera ao redor de cinco conjecturas epistemológicas:

1. **Arquitetura Parlamento:** arquitetura que quando inserida no contexto urbano permite uma situação em que diferentes entidades são postas em planos paralelos, a fim de que seus conflitos possam ser levados em conta e fomentados, ao invés de solucionados. Parte-se do princípio que uma boa sociedade é uma onde há tensões heterogêneas de uma democracia saudável, não o senso-comum de uma onde há uma pacífica felicidade instaurada, normalmente associada a um regime de controle do poder. O projeto de uma casa sacerdotal em Plasencia, Espanha (figuras 01 e 02), insere diversos utensílios arquitetônicos que promovem a negociação de usos entre padres e alunos, como bancos facilmente movíveis ou um quintal coletivo onde uma área de uso pessoal é designada para cada pessoa, mas não são estipulados os limites dessas áreas. A localização e concentração dos bancos, bem como qual plantação pessoal cresce em detrimento de qual, são

decisões que cabem aos usuários tomar em conjunto.

Figuras 01 e 02 – Casa Sacerdotal Diocesana de Plasencia. Fonte: Archdaily, 2009

2. Transparência: explora a maneira como a matéria construída pode se tornar parte de uma rede de associações, democratizando conhecimento através da rearticulação de processos e infraestruturas urbanas. Cosmo (figuras 03, e 04), o pavilhão ganhador do concurso MoMa PS1 de 2015, é composto por componentes de irrigação customizados. Neles, os processos de coleta, armazenagem e tratamento de água (normalmente mascaradas na cidade), tornam-se parte de um ecossistema maior composto por plantas e organismos aquáticos. Tornam-se visíveis, e parte da rotina das pessoas que frequentam o pavilhão, gerando assim consciência de sua existência e desempenho e expondo-os ao debate popular.

Figuras 03 e 04 – Cosmo: MoMa PS1 Pavilion. Fonte: Archdaily, 2015

3. Noção ecossistêmica do político: arquitetura não cria novas realidades, mas age sobre discussões e continuidades já existentes, rearticulando relações entre redes materiais e humanas. “Desde este ponto de vista, o urbano não é espacialmente estável - não é uma localização - mas uma condição que se dá onde controvérsias e diferenças podem ser instauradas na vida cotidiana”.

4. Entornos espumosos de domesticidade: exploração de urbanismos criados a partir da inserção do público em ambientes domésticos, contra a ideia de que os ambientes íntimos devam ser apolíticos - ideia propagada pela mídia consumista vigente, através shows de TV, catálogos e publicidade. Na instalação *IKEA Disobedients* (figuras 05 e 06), Jaque utiliza peças de móveis encontrados no catálogo da IKEA (que fazem apologia à um ambiente doméstico alienado da sociedade na qual é inserido), fazendo visível ações domésticas que são vinculadas ao público, como tocar violão quando se mora em uma república ou improvisar um salão de cabelo em sua sala de estar.

Figuras 05 e 06 – Exibição Ikea Disobedients. Fonte: Domus, 2009

5. Urbanismo de lares não familiares interconectados: possibilidade de dar forma ao fenômeno de

casas compartilhadas, como no projeto *Rolling House for the Rolling Society.*

Outro conceito crucial de se entender são os 'tipo de urbanismos'. Isso pode ser ilustrado pelo exemplo documentado pelo Office for Political Innovation da comunidade transnacional de Mooride em um bairro de Madrid (figura 07). No diagrama, são apresentados todos os elementos materiais e sociais incluindo apartamentos, dispositivos tecnológicos e pessoas da comunidade que são ativadas diariamente para o funcionamento desse urbanismo que possibilita a imigração temporária de homens de Touba no Senegal para envio de dinheiro da Espanha para suas casas.

Figura 07 – Urbanismo transnacional Mooride. Fonte: Arpa Journal, 2015

A partir do momento em que tipos diferentes de urbanismos são descritos através de pesquisas em campo e não idealizados, abre-se a oportunidade de entender criticamente como eles são desempenhados e desenvolvidos.

Dado a pluralidade de abordagens vistas para a questão "o que é performance arquitetônica", a multidisciplinaridade envolvida nos processos que tentam resolvê-la, e a característica experimental (portanto inovadora) que arquitetura adquire sob essa lente, julga-se pertinente incluí-la como uma nova agenda a ser discutida e fomentada no ensino de projeto arquitetônico no Brasil, onde se prevalece um sistema rígido movido a problemáticas pré-determinadas.

5. ANDRÉS JAQUE E A DIDÁTICA DA PERFORMANCE

Como observado na prática de Andrés Jaque, o tipo de performance arquitetônica colocada em pauta é voltado à performance política que ela pode exercer. Entretanto, é na sua abordagem didática que ele consegue de maneira objetiva extrapolar o que se espera de objetos arquitetônicos, e portanto, expandir a gama de tipos de performance que arquitetura pode adquirir. Para tal, ele nos apresenta situações urbanas que podem ser transformadas, empoderadas, difundidas, etc. pela arquitetura.

Em um primeiro momento, pode parecer que seus ateliês tratam de conceitos abstratos das sociedades contemporâneas como globalização, gentrificação, exclusão ou mídias sociais, e portanto tendenciosos a produzir 'apenas' uma arquitetura especulativa de como soluções formais/espaciais influenciariam esses conceitos. Ao contrário, desde o início das atividades com os estudantes, tem-se um objeto de estudo concreto, e as pesquisas conduzidas (bem como as propostas de projeto finais) devem ser intimamente ligadas à entidades materiais, seus ciclos de vida e como interagem com outras redes tecnológicas e sociais.

Isso se faz possível porque entende-se como arquitetura todos os gradientes desde dispositivos tecnológicos até infraestruturas urbanas. O importante é entender de maneira crítica como essas entidades estão relacionadas umas com as outras e o papel que elas desempenham no desenrolar das realidades estudadas. Adicionalmente, qualquer proposta deve ser argumentada com ênfase em evidencias reais descobertas/testadas pelos alunos.

Importante ressaltar, que enquanto pedagogia radical, a proposta dos ateliês é sempre de pesquisar alguma realidade do dia-a-dia afim e descobrir os potenciais existentes nela para a disciplina de arquitetura. O que serão os projetos finais nunca é dado a priori - como um problema a ser resolvido - mas propostos pelos alunos ao longo das pesquisas, apresentações e discussões promovidas pelos instrutores.

Segue a descrição de três ateliês conduzidos recentemente por Jaque na Universidade de Columbia, NY, bem como alguns de seus resultados:

1. Revolting Apartments. Semestre de outono, 2014.

Inquietação teórica: "Apartamentos se tornaram o ápice de urbanismos globalizados. Se existe um único dispositivo arquitetônico que molda os contemporâneos corpos, consumos, deslocamentos e reproduções das redes globais de poder, é o apartamento. Em cidades como Nova York, Londres ou Seul, apartamentos estão liderando a evolução dos tecidos urbanos da mesma forma que as infraestruturas, os espaços públicos ou edifícios corporativos o fizeram no passado."

Objetivo do ateliê: Explorar o potencial que o 'urbanismo de apartamentos' tem de se tornar um veículo para trazer diversidade, inclusividade e complexidade para urbanismos globalizados; e o potencial que visões alternativas de domesticidades tem de se tornar relevantes ao regime mundial de apartamentos.

Objeto de estudo: Edifício residencial de alto padrão 432 Park Avenue: localizado na avenida em Manhattan, será completado em 2016 e possui 85 andares. Projeto de Rafael Viñoli (projeto de arquitetura), SLCE (projeto executivo) e Debora Berke (arquitetura de interiores).

Metodologia: O estúdio foi composto por duas fases preliminares de pesquisa e duas para o desenvolvimento dos projetos: 1) Esclarecimento sobre o que constitui a 'moradia global de apartamentos' e sua materialidade através de visitas em campo, conversas com profissionais do mercado imobiliário, e referências culturais predominantes. A documentação foi feita através de desenhos detalhados dos processos/elementos observados. 2) Esclarecimento de como a 'moradia global de apartamentos' pode ser polemizada através da inserção de tradições arquitetônicas relativas ao doméstico que não são incluídas na atual montagem do regime. 3) Criação individual de patentes arquitetônicas[11], introduzindo através de desenhos técnicos novos dispositivos arquitetônicos que promovam a transformação do 'regime global de apartamentos'. 4) Desenvolvimento das patentes e implementação das tais em um único modelo 3d do projeto que contenha o trabalho de todos os grupos.

Figura 08 – Revolting Apartments: maquete comum final. Fonte: Blog Modelo, 2015

[11] patente arquitetónica é aqui designada para reforçar o caráter inovador e específico que cada produto/dispositivo desenvolvido pelos alunos deve conter.

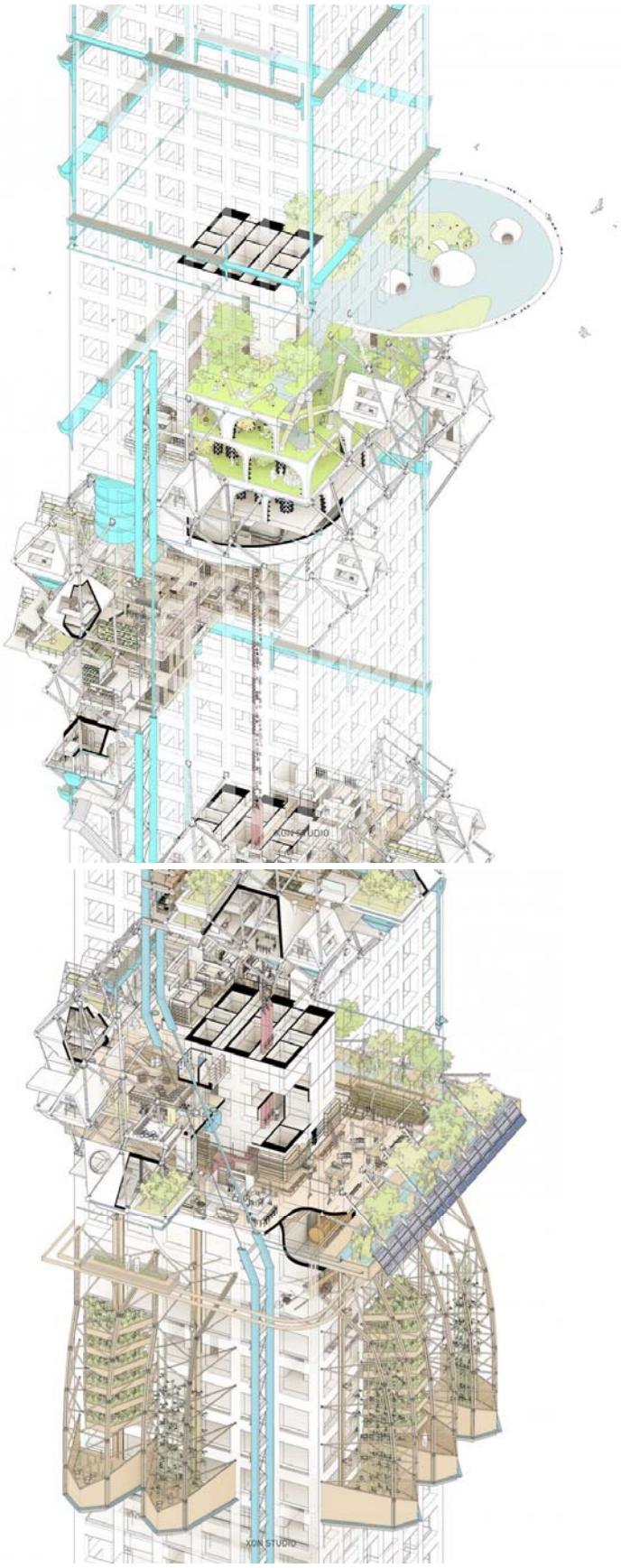

Figura 09 – Revolting Apartments: modelo digital comum final. Fonte: Blog Modelo, 2015

2. New York Public Ghost. Semestre de verão, 2015.

Inquietação teórica: "O urbano não está mais em Nova York, mas na Biblioteca Pública de Nova York. Ao mesmo passo que Nova York está aumentando seu poder de produzir desigualdade social, a New York Public Library, fundada em 1911, está confirmando progressivamente a sua capacidade de inclusão e de articular diferenças. Enquanto a cidade está vendo sua diversidade humana ser substituída por uma higienização saudável, e homogeneidade segura, pode-se argumentar que a Biblioteca Pública de Nova York está confirmando a sua capacidade para abrigar conflito, acomodar as minorias e inovar modos de cidadania."

Objetivo do ateliê: Explorar o potencial de um projeto arquitetônico desencadeado por um processo em que o urbano (como o lugar onde encontro social e político são exercitados) pode deixar de ser promulgada pela cidade, mas por dispositivos arquitetônicos - como a Biblioteca Pública de Nova York.

Objeto de estudo: Prédio histórico da Biblioteca Pública de Nova York na 5a avenida, bem como sua rede formada por mais de 98 filiais distribuídas na cidade.

Metodologia: O estúdio foi conduzido de maneira tal que a única forma de representação aceita pelos instrutores para discussão de projeto foi maquetes físicas desenvolvidas em cima de uma maquete geral do edifício a ser intervindo em escala aproximada de 1/50. Foram seguidos os seguintes passos: 1) Construção da maquete base para o estúdio por todos os alunos. 2) Pesquisas em campo sozinhos e guiados por especialistas nos bastidores dos principais edifícios da Biblioteca, bem como seus edifícios de apoio logístico. As pesquisas tiveram como objetivo descobrir 'realidades escondidas' (ou 'fantasmas') tanto do público/servidores que as habitam como de elementos materiais que constituem a biblioteca. 3) Criação individual de patentes arquitetônicas, introduzindo através de maquetes novos dispositivos arquitetônicos que promovam inclusividade. 4) Desenvolvimento das patentes e implementação de tais na maquete geral.

Figuras 10 e 11 – New York Public Ghost: maquete comum final. Fonte: a autora

3. Pipes in Revolt. Semestre de outono, 2015.

Inquietação teórica: "Sociedades, ambientes e corpos são construídos por tubulações, pela arquitetura de tubulações […] Tubos são sociedades e contribuem para construir a sociedade, operando simultaneamente em escalas heterogêneas (de ambientes até corpos, de ecossistemas até pílulas). Tubos são arquiteturas radicais, das quais designs intercalares são requisitados todos os dias. Arquitetura como prática pode desafiar através das alternativas que podemos introduzir nos tubos e pela maneira como diferentes entidades se relacionam com eles".

Objetivo do ateliê: Promover 3 mudanças na maneira como arquitetura lida com tubulações: 1) Tubos não são problemas técnicos que devem ser automaticamente descartados, mas são tipos de urbanismo nos quais política, ciência e ética são conformados. 2) Tubos não são domínio de encanadores, mas de uma pluralidade de entidades operando em diferentes contextos. 3) motiva-se a ideia de Peter Sloterdijk de que revolução não significa substituição completa, mas é um projeto inflacionário (*inflational project*), na qual a realidade é expandida para então ser reconfigurada para incorporação de novas presenças e tensões.

Metodologia: 1) Esclarecimento sobre como tubulações funcionam e constituem quatro importantes infraestruturas urbanas através de visitas em campo com especialistas (um clube fitness, uma casa funerária, um clube dançante, e uma estação de tratamento de água). 2) Esclarecimento sobre o que arquitetura pode/deve fazer quando intervir nessas infraestruturas: detectar tensões tecnológicas, políticas e culturais que estas estão fazendo parte. 3) Desenvolvimento dos projetos.

Os resultados são projetos que variam tanto em escala quanto nas problemáticas que abrangem e tipo de performance que exploram. Cabe por fim, descrever alguns exemplos de projetos produzidos no ateliêr New York Public Ghost, no qual a autora participou como professora auxiliar:

1. Um anexo ao prédio histórico da biblioteca, que desdobrava a fachada de mármore existente em diversos ambientes públicos também em mármore, todos explorando programas possibilitados por diferentes condições do material (diferentes acabamentos, se em espaços fechados ou não, se impermeável ou poroso), como termas, piscinas, tanques de filtragem de água pluvial e cultivo de diferentes plantas. Uma atualização da justificativa da presença do mármore: do prédio histórico que o empregou pelo simbolismo atrelado à nobreza de uma 'instituição do saber', para o anexo que o empregou pelos diferentes usos do espaço público que o material pode promover.
2. Um sistema físico e digital que permitia a inclusão de coleções de livros particulares ao acervo e circulação da Biblioteca Pública de Nova York. O projeto discutia questões de domesticidade através do compartilhamento de livros, e incluía intervenções nas fachadas de prédios e suas conexões com cabines distribuídas na malha urbana de Manhattan, que se conectavam com a logística da biblioteca.
3. Uma série de dispositivos e intervenções que manipulavam e distribuíam o ar dentro do prédio histórico da biblioteca. O projeto discutia diretrizes urbanísticas geradas pela qualidade (e não apenas quantidade, como é o caso da lei em Nova York) do ar. Instigado pela geração de ar tóxico

gerado pelo processo de reabilitação e remoção do teto de amianto da sala de leitura principal que se dará até 2017, o projeto deixa esse processo visível ao público, filtra o ar, e o reutiliza com características diversas como temperatura, umidade e cheiro.

Aceitando que o processo de design do ambiente construído é um longo processo de negociação que envolve múltiplos agentes tanto internos como externos ao projeto, Jaque utiliza os meios de representar projeto também como arena de discussões. Ao demandar que todos os projetos individuais sejam desenvolvidos numa plataforma comum à todos da sala, como um modelo digital ou uma maquete física, ele automaticamente torna os projetos "reais", que não podem se dar ao luxo de serem confrontados apenas com os questionamentos internos de cada aluno.

Alunos são forçados a debater sobre qual projeto é mais relevante e eficiente para qual área do projeto final, ou a achar soluções alternativas para que todos os interesses sejam contemplados ou potencializados. Heterogeneidade ao invés de uniformidade. Confronto democrático ao invés de pacificação homogeneizadora e autoritária. As propostas finais apresentadas são, desse modo, impossíveis de serem previstas ou almejadas antes da condução do ateliê.

7. CONCLUSÃO

Como um paradigma para a arquitetura, performance descreve os processos através das quais a cultura, sociedade, tecnologia e arquitetura tornam-se interligados para formar um campo complexo de relações que produzem efeitos novos e poderosos. Em vez de descrever o objeto arquitetônico e sua função - ambos conceitos cristalizados - Performance Arquitetônica se volta para sua capacidade de realizar transformações.

Buscou-se aqui, com base no trabalho prático e pedagógico de Andrés Jaque, argumentar em prol dos benefícios que o tema possa trazer se incluído na pauta de discussões dentro dos ateliês de projeto do país, pois lida com questões julgadas responsáveis pelo atavismo recorrente no sistema de ensino. São essas: o entendimento rígido de que projetos devam ser soluções para problemas pré-estabelecidos, a carência de oportunidades para problematizar "o que arquitetura deve ser e fazer", e a prevalência do entendimento de função em arquitetura atrelada exclusivamente ao seu uso e programa (*utilitas*).

Trata-se de um tema amplo e complexo, cujas respostas – se promovidas dentro de um ambiente pedagógico que vise a produção de projetos baseados em pesquisas – podem assegurar que o entendimento teórico do que é arquitetura e o que ela pode fazer seja constantemente atualizado segundo demandas reais das sociedades contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA

Adrian Forty. *Words and Buildings: A Vocabulary of Modern Architecture.* New York, NY: Thames & Hudson, 2000

Andrade, Max; Ruschel, Regina. “Projeto performativo na prática arquitetônica recente”. *Vitruvius*, 2012. http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.150/4587 (acessado em Maio 2016)

ARPA Journal, “Forensic Methodology”. http://www.arpajournal.net/forensic-methodology/ (acessado em Maio 2016)

Aureli, Pier. “Dwelling WithinAbstraction: Notes on Albert ope’s Ladders”. *In*: Pope, Albert, Ladders. Houston: Princeton Architectural Press, 1996

Celani, Gabriela; Lenz, Daniel. “Performative Arquitecture”. *Vitruvius*, 2015. http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.186/5844 (accessed in May 2016)

Colomina,Beatriz; Kotsioris, Evangelos; Galán,Ignacio; Meister, Anna Maria. “The Radical Pedagogies Project”, *Volume* no.45, 2015. http://volumeproject.org/the-radical-pedagogies-project/ (acessado em Maio 2016)

Ficher, Sylvia. “Censura e autocensura. Arquitetura brasileira durante o governo militar”. *Vitruvius*, 2014. http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.080/5192 (accessed in May 2016).

Jaque, Andrés. *Políticas del dia a dia / Everyday Politics.* Exepto no.25. Madrid: Eal, ediciones de arquitectura, 2011

Latour, Bruno; Yavena, Albena. “ “Give me a gun and I will make all buildings move": an ANT's view of architecture”. *I*n: Geiser, Reto (ed.), *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research.* Basel: Birkhäuser, 2008

Moussavi, Farshid. *The Function of Style*. Harvard University Graduate School of Design, Actar and FUNCTIONLAB, 2015

Radical Pedagogies, “Case Studies”. http://radical-pedagogies.com/search-cases/ (acessado em Maio 2016)

Reiser, Jesse. *Atlas of Novel Tectonics*. New York: Princeton Architectural Press, 2006

Sanvitto, Maria Luiza Adamns. “As Questões Compositivas e o ideário do Brutalismo Paulista” ,2002. http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Maria%20Sanvitto.pdf (acessado em Maio 2016)

Tschumi, Bernard. *Architecture and Disjunction*. Boston: MIT Press,1996

Walker, Enrique. *Tschumi on Architecture: Conversations with Enrique Walker.* New York: The Monacelli Press, 2006